

**UMA ESCULTURA ANTROPOMORFICA DA CITANIA
DE RORIZ (BARCELOS)**

por

CARLOS ALBERTO BROCHADO DE ALMEIDA

Cuadernos de Estudios Gallegos

TOMO XXXII

96 - 97

SANTIAGO DE COMPOSTELA

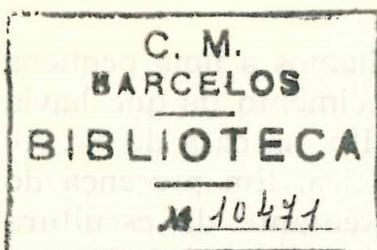
MCMLXXXI



3.2"638"(469.12)(
M

C. M. B.
BIBLIOTECA





Barcelos Perm.

UMA ESCULTURA ANTROPOMORFICA DA CITANIA DE RORIZ (BARCELOS)

por

CARLOS ALBERTO BROCHADO DE ALMEIDA

No alto da Serra de Oliveira (cota 324 m.) situa-se a Citânia de Roriz, conhecida também por Citânia do Monte do Facho¹ ou por Castro de Oliveira (Fig. 1).

Povoação de apreciáveis proporções, rodeada de três ordens de muralhas, estende-se pela ampla coroa e vertente ocidental a de mais suave pendor. As sucessivas violações a que tem estado submetida por «aprendizes de arqueologia» e pesquisadores de tesouros «mouriscos», tem posto a descoberto uma série de estruturas habitacionais e de espólio cerâmico que, à priori, apontam para uma ampla seriação cronológica e para uma relativa pujança económica, pelo menos, nos primórdios da romanização². Com possíveis relações com a citânia, há o monumento com forno aparecido à cerca de 3 anos na freguesia de Santa Maria de Galegos, situada no sopé ocidental da referida serra e a aguardar a conclusão das escavações já iniciadas³.

¹ TEOTÓNIO DA FONSECA: *O Concelho de Barcelos, Aquém e Além Cávado*, Vol. I, Barcelos, 1948, pág. 69.

² Sobre este povoado aconselhamos a consulta dos seguintes trabalhos: ABEL GOMES DA COSTA, ABÍLIO MARIZ DE FARIA, JOSÉ DA SILVA CARVALHO: *Sondagens Arqueológicas no Concelho de Barcelos - Abade de Neiva, Faria e Roriz*, in *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Vol. II, Guimães, 1980, pág. 23/28.

C. A. BROCHADO DE ALMEIDA, MARIA TERESA C. M. SOEIRO: *Sondagens nos Castros de Abade de Neiva e Roriz (Barcelos, 1976)*, in *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Vol. II, Guimarães, 1980, 29/36.

³ A direcção das escavações do monumento está entregue ao Dr. Armando Coelho, Assistente da Fac. Letras U. Porto.

Foi no Verão de 1978 e quando procedíamos a uma pequena sondagem na Citânia⁴, que tivemos conhecimento de que havia uma cabeça de homem esculpida em granito, na casa do Sr. Aires Gonçalves de Sá da freguesia de Oliveira. Em presença do achado, deparamos com mais um representante da escultura antropomórfica castreja, e, com fortes possibilidades de pertencer à família dos guerreiros galaicos. Dele⁵, apenas sabemos que foi descoberto no ano de 1974 e que se encontrava enterrado entre a 1.ª e a 2.ª muralha, a SE da estrada que liga Oliveira à capela da Sr.ª do Facho situada na acrópole do antigo povoado.

Elaborada num bloco de granito de grao grosso do tipo normalmente apelidado «dente de cavalo» e muito abundante na região⁶, apresenta algumas alterações resultantes da erosão a que esteve sujeita, e, mais recentemente pela mão do achador, que pretendeu modificar a primitiva fisionomia⁷. Felizmente que os efeitos do pico se centraram na face direita, alterando o anterior traçado da vista, esculpindo nova orelha avivando a linha que separa o bigode da face e afundando a boca. A fragilidade do material ajudou os intentos do retocador, como anteriormente facilitou o decepamento da cabeça pela parte superior do pescoço, tendo desaparecido na totalidade, o lábio inferior e queixo (Fot. 1).

As suas medidas são as seguintes:

Altura	30 cm.
Altura até à boca	26 cm.
Largura (pelas orelhas)	24 cm.

⁴ Agradecemos ao Sr. Padre Dr. José Carvalho, párroco da freguesia de Oliveira a informação que nos permitiu detectar a recolher a peça em questão. Esta, no presente, encontra-se na posse do autor, até que Barcelos possua um museu devidamente estruturado.

⁵ O Sr. Aires Gonçalves como lídimo apaixonado que é de tesouros escondidos, afanosamente procurou o que faltava, só que nada encontrou.

⁶ C. TEIXEIRA, A CANDIDO DE MEDEIROS, C. A. DE MATOS ALVES, M. MARTINS MORELA: *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 5-C (Barcelos)*, Lisboa, 1969, pág. 38.

⁷ O ano de 1974 foi, em Portugal, fértil de acontecimentos políticos. A grande figura do momento era, sem dúvida, o Sr. Gen. António de Spínola, Presidente da Junta de Salvação Nacional, que normalmente aparecia em público com um característico monóculo. Daí que, embora ingenamente, o Sr. Aires pretendesse transpor para a cabeça que encontrara, este tão peculiar traço fisionómico do General.

Largura (pela boca)	18 cm.
Nariz (altura)	10 cm.
Orelha Esquerda	Altura 6 cm.
	Largura 4 cm.
Olho Esquerdo	Comprimento 5 cm.
	Largura 23 mm.
Buraco da Cabeça	Profundidade 65 mm.
	Diâmetro 6 cm.

A cabeça não apresenta uma superfície uniforme. Enquanto a parte superior da testa direita se pode considerar normal, a esquerda apresenta pronunciado desfasamento, bem nítido, sobre a arcada supraciliar (Fot. 1 e 2). O responsável pela assimetria é sem dúvida o buraco que aí existe. A sua feitura alterou o equilíbrio inicial que se aproximaria da calota esférica. A parte posterior do crânio foi cortada quase na vertical (Fot. 3). A sua irregularidade deve-se mais à imperfeição na execução, do que propriamente a causas exteriores como a erosão.

Das orelhas, só a esquerda se pode considerar fidedigna (Fot. 2). É um simples apontamento. A direita, alongada, puxada para o malar e em assimetria com a esquerda, foi feita pelo achador que entendeu introduzir-lhe algumas inovações.

Os olhos também sofreram os efeitos renovadores. O mais atingido é sem dúvida o direito, que, para além do avivado global, sofre também um enviesamento, que o coloca em dissonância com o congénere esquerdo (Fot. 1). Este, o menos retocado, é o que permite uma aproximação mais à realidade, já que unicamente é avivado o traço que representa o globo ocular. A cavidade orbital, com uma forma oval irregular, possui o globo ocular cavado. A pupila, simples traço rectilíneo e fino, talvez pretenda transmitir a ilusão de um rosto de pálpebras semi-cerradas. As sobrancelhas acompanham a arcatura orbital. Enquanto a esquerda, com o seu traço levemente aflorado, se pode considerar intacta, a direita possui um sulco mais profundo resultante dos recentes arranjos.

O nariz, de traçado rectilíneo e com a aleta direita levemente destruída, é um dos componentes do rosto em maior evidência. Para isso, contribui não só o modo como o artista trabalhou a massa nasal, mas, e sobretudo, como encarou a feitura dos malaras. Estes, ao invés de que é normal, têm um tratamento côncavo. Visto por este prisma, o nariz agiganta-se num rosto onde os malaras aparecem sob a verdadeira forma - a convexa.

O cavamento dos malares, além de projectar o nariz, destaca também a boca e muito em especial o farto bigode que cobre o lábio superior e cujas guias descem até à zona do queixo.

A nossa primeira impressão é que o artista pretendeu apresentar um rosto, onde a ausência de barba fosse um facto⁸. Tal ideia, é-nos transmitida pela observação cuidada do bigode, e, muito em especial, do traço que o separa da face. Este, bem visível junto ao nariz e na região do queixo, parece querer sugerir que para além do espaço ocupado pelo bigode, as restantes zonas pilosas do rosto se apresentariam sob a forma glaba.

A boca, apesar de ter sido também retocada (foi aprofundada), conserva as características iniciais.

Do lábio inferior e do queixo nada sabemos para além da fractura por demais evidente. Esta, acontecida quando da destruição do conjunto em que estava inserida, roubou não só a hipótese de uma análise sectorial, como a possibilidade de uma visão de conjunto mais consuetânea com a realidade.

* * *

A cabeça da Citânia de Roriz enquadra-se perfeitamente na temática castreja. Se analisarmos as diversas esculturas já conhecidas e pertencentes a esta cultura, fácil nos é descobrir suficientes analogias para que se possa duvidar da sua filiação. É certo que há detalhes (como os malares) que fogem aos cânones estabelecidos, mas uma observação cuidada à já numerosa produção castreja, transporta-nos a um razoável número de variações tipológicas, provindo quase sempre, de diferentes concepções plásticas.

Se para o cavado dos malares não encontramos paralelos, o mesmo não sucede em relação aos olhos, com paralelos no

⁸ PIERRE PARIS: *Statues Lusitaniennes de Style Primitif*, in *Archeólogo Português*, Vol. VIII, 1903, pág. 6, é de opinião que os guerreiros de Lesenho (Montalegre), para além do bigode, possuem barba. O mesmo pensa para o guerreiro de Sanfins, Afonso do Paço, *Citânia de Sanfins VIII. Fragmentos de Estátuas de Guerreiros Galaicos*, Sep. de Brotéria, Vol. 86, 1968. Se a linha bem definida dos queixais e a inexistência de bigode pode sugerir a presença de barba nos bustos de Sanfins ou Rubiás, nas de Lesenho ou Roriz não nos parece tão líquida tal suposição, dada a existência de um expressivo bigode, que afasta, em princípio, e hipótese de haver realmente barba.

ídolo de Calheiros⁹ e na cabeça de San Mamede Ocastro¹⁰. O bigode, um dos mais sugestivos elementos do rosto identifica-se com os das estátuas dos guerreiros de Lesenho (Montalegre)¹¹. O tipo de boca é comum a um razoável número de exemplares, tais como a cabeça do castro de Narla¹², ou a cabeça do guerreiro de Vilarelhos¹³.

Que finalidade atribuir ao orifício existente no lado direito da cabeça? Estará ele relacionado com determinados aspectos rituais como parece ser o caso das estátuas de Paderne e Caurel (Lugo)?¹⁴. A hipótese é plausível, só que, aqui as «covichas» são pouco fundas e ocupam o centro da cabeça. Nesta, a profundidade e a forma redonda (Fot. 3) ajustam-se mais à cama de uma vara de madeira¹⁵ do que propriamente a outro fim. De qualquer modo e independentemente do fim a que foi destinado, estamos convictos, de que inicialmente, a parte superior do crâneo se encontrava liberta de qualquer espécie de trepanação.

Tematicamente tanto se pode enquadrar no grupo das «cabeças cortadas» como no dos guerreiros galaicos. A favor do primeiro, estão os olhos de pálpebras semi-cerradas sugerindo o facies de um inimigo abatido, e, o desbaste da parte de trás do crâneo, certamente para melhor encostar a uma parede; no entanto, a maneira cuidada (dentro da frustidade)¹⁶ como o ar-

⁹ CARLOS ALBERTO FERREIRA DE ALMEIDA: *Uma Escultura Castreja de Calheiros-Ponte de Lima*, in Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra, 19.

¹⁰ F. BOUZA BREY: *La Cabeza Celta de O Castro (Silleda)*, in Cuadernos de E. G., Vol. XVIII, 1951, pág. 33 e ss.

¹¹ J. LEITE DE VASCONCELOS: *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, Lisboa, 1910, pág. 47/48.

¹² A. BLANCO FRELJEIRO: *Cabeza de un Castro de Narla-Notas sobre el Tema de la Cabeza Humana en el Arte Céltica*, in C.E.G., Vol. XXXIV, 1956, pág. 159/180.

¹³ J. R. DOS SANTOS JÚNIOR: *A Estação Arqueológica de Vilarelhos e a Cabeça de Guerreiro Lusitano*, In T.A.E., Vol. XXIII, 1968, páginas 345/351.

¹⁴ C. GARCIA MARTINEZ: *Unha Escultura Galaica Bifronte*, in C.E.G., Vol. XXIV, 1969, pág. 14/22.

¹⁵ Não conseguimos encontrar sinal de ferrugem ou vestígio de qualquer outro metal.

¹⁶ A grande maioria dos autores que têm estudado a escultura castreja, são mais ou menos unânimes em considerá-la «tosca» ou «rude». Se olharmos bem a cabeça do guerreiro de Sanfins, por exemplo, a teoria da frustidade não é assim tão sólida, poi esta é devida mais a má

tista encarou a obra, leva-nos mais a inseri-la no segundo grupo. A serenidade e a magestade, que a cara irradia, estão, quanto a nós, mais em consonância com o porte garboso dos guerreiros galaicos, representem eles a realidade ou encarnem o antepassado mítico.

Poucas são as cabeças de guerreiros conhecidas: Capeludos (Vila Pouca de Aguiar)¹⁷, Lesenho (Montealegre)¹⁸, Castro do Rio¹⁹, Rubiás²⁰, Guarda²¹, Sanfins²² e Vilarelho (Chaves)²³. E em todas, há diferenças a registrar. Se a dos Capeludos «se destaca pela sua rudeza e desproporção»²⁴, a de Sanfins, prima pelo cuidado posto na execução. Se o de Sanfins, Rubiás ou Vilarelho são o reflexo de um homem de meia idade, os de Lesenho ou de Roriz, simbolizam o Chefe de idade madura, que à força, alia a pedseverança no futuro do seu povo.

Como acontece na grande maioria dos casos, também a estátua de Roriz aparece desligada de qualquer contexto estatigráfico. Daí que seja impossível, pelo menos por agora, descobrir o local onde estava levantada, como prever a altura em que perdeu as demais partes do corpo. Por isso, a descoberta de mais este exemplar, em nada vem ajudar ao espaço cronológico já de si tão divergente. Se Cuevillas²⁵, partindo da análise de armas, adornos e vestuário os considera castrejos e os coloca entre os séc. III/II a. C., Hubner²⁶ data as inscrições latinas existentes nos exemplares de Meixedo (Viana do Castelo) e de Rubiás, dos fins do séc. I d. C. É possível, que a desco-

qualidade do material utilizado, do que propriamente a uma inépcia artística.

¹⁷ J. L. DE VASCONCELOS: *Estátua de Guerreiro Lusitano*, in *Archeólogo Português*, Vol. VII, 1902, pág. 23/26.

¹⁸ F. MARTINS SARMENTO: *Estátuas Militares no Jardim Botânico de Ajuda*, Ocidente, 1886, pág. 246/248.

¹⁹ F. CONDE VALVIS: *Un Busto Céltico*, Vigo, 1959.

²⁰ F. CUEVILLAS, J. LONRENZO FERNANDEZ: *Sobre a Arqueologia do Território de Querquernos*, in *Rev. de Guimarães*, Vol. XLVIII, 1938, página 120 e ss.

²¹ A. VASCO: *Cabeça de Guerreiro Lusitano da Guarda (Portugal)*, in *Zephirus*, T. IX.

²² AFONSO DO PAÇO: *Citânia de Sanfins, VIII - Fragmentos de Estátuas de Guerreiros Galicos*, Sep. de Brotéria, Vol. 86, 1968.

²³ J. R. DOS SANTOS JÚNIOR: *A Estação*.

²⁴ F. CUEVILLAS: *Esculturas Zoomorfas y Antropomorfas de la Cultura de los Castros*, in *C.E.G.*, Vol. VI, 1951, pág. 185.

²⁵ F. CUEVILLAS: *Op. cit.*

²⁶ E. HUBNER: *Notícias Archeológicas de Portugal*, Lisboa, 1871, página 107.



Foto núm. 1.—Cabeça guerreiro

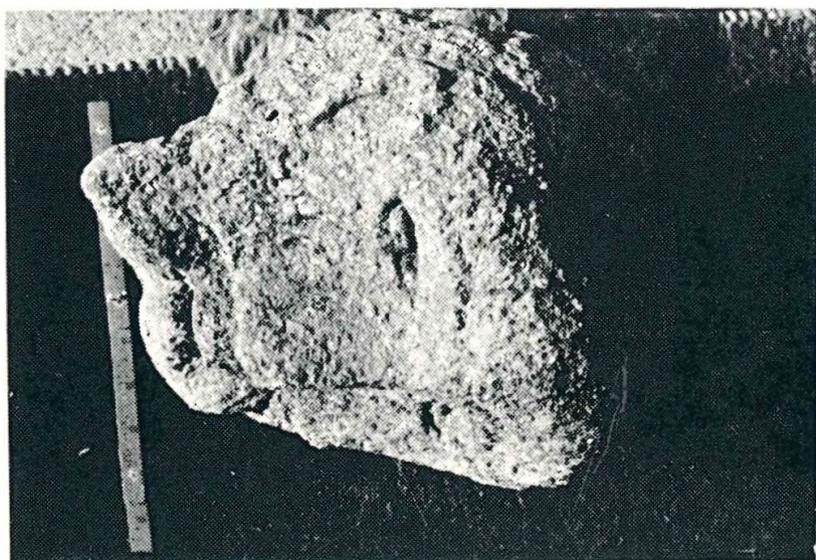


Foto núm. 2.—Cabeça guerreiro

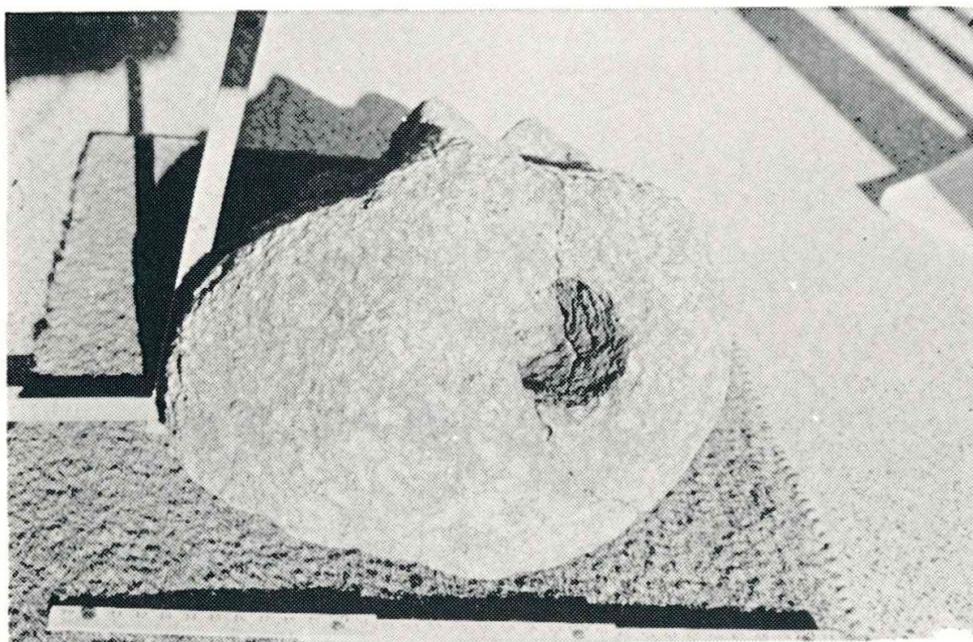
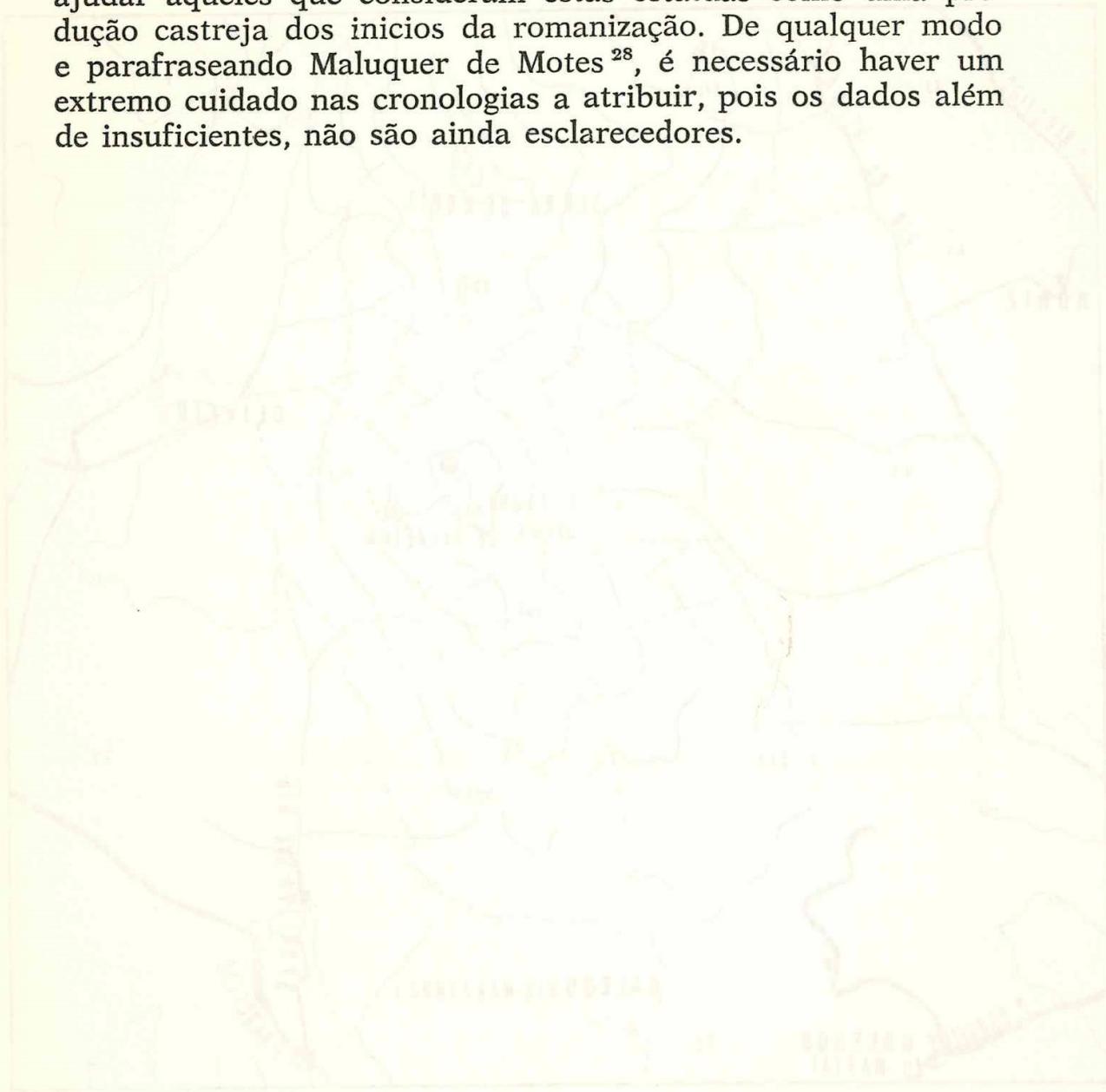


Foto núm. 3.—Cabeça guerreiro

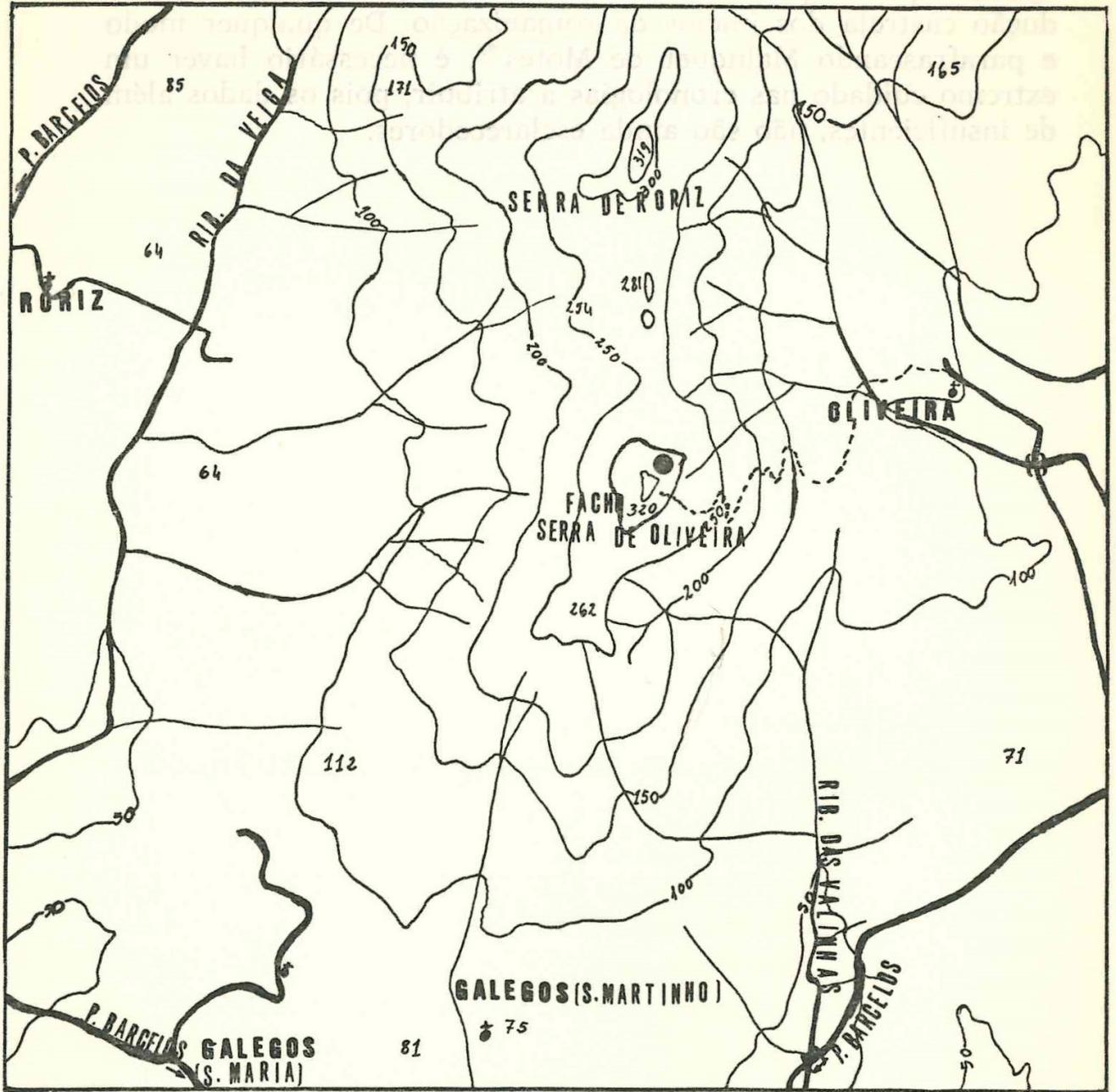
C. M. B. V.
BIBLIO. CA

berta recente de mais um exemplar (decapitado) em Santa Comba (Cabeceiras de Basto) com inscrição no escudo²⁷ e cujo tipo de letra parece ser característica da época flávia, venha ajudar aqueles que consideram estas estátuas como uma produção castreja dos inícios da romanização. De qualquer modo e parafraseando Maluquer de Motes²⁸, é necessário haver um extremo cuidado nas cronologias a atribuir, pois os dados além de insuficientes, não são ainda esclarecedores.



²⁷ A inscrição presente no escudo foi objecto de uma comunicação pelo Dr. Armando Coelho ao III Colóquio de Línguas e Culturas Paleohispánicas realizado em Lisboa em Nov. 80.

²⁸ J. MALUQUER DE MOTES: *La Cultura Material de los Pueblos del N.W. Peninsular*, in *História de España*, T. I, III, Madrid, 1962, pág. 67.



● CITANIA DE RORIZ

ESC. 1: 25.000

Gráficas do Castro/Moret - O Castro Sada - A Coruña 1982

biblioteca
municipal
barcelos



10471

Uma escultura antropomorfica
da citania de Roriz (